

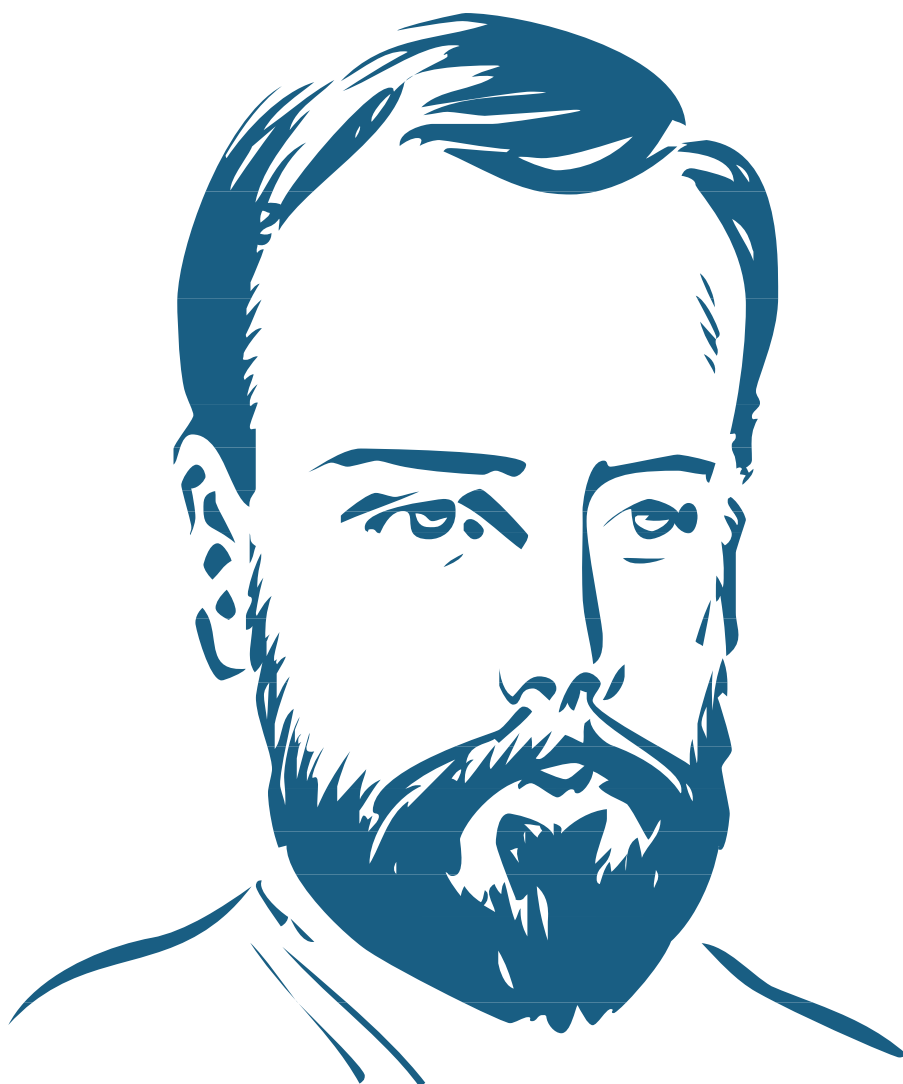
# As Pupilas do Senhor Reitor

Júlio Dinis



Biblioteca  
**Digital**

Colecção  
CLÁSSICOS  
DA LITERATURA  
PORTUGUESA



 PORTO  
EDITORIA

The logo for Porto Editora, featuring a stylized blue icon of an open book or a hand holding a book, followed by the text 'PORTO EDITORA' in a blue, sans-serif font.

José das Dornas era um lavrador abastado, sadio, e de uma tão feliz disposição de génio, que tudo levava a rir; mas desse rir natural, sincero, e despreocupado que lhe fazia bem, e não do rir dos Demócritos de todos os tempos — rir céptico, forçado, desconso-lador, que é mil vezes pior do que o chorar.

Em negócios de lavoura dava, como se costuma dizer, sota e ás ao mais pintado. Até o Sr. Moraes Soares teria que aprender com ele. Apesar dos seus sessenta anos, desafiava em robustez e actividade qualquer rapaz de vinte. Era-lhe familiar o canto matinal do galo, e o amanhecer encontrava-o sempre de pé, e em pé o deixava ao esconder-se.

Estas qualidades, juntas a uma longa experiência adquirida à custa de muito sol e muita chuva em campo descoberto, faziam dele um lavrador consumado, o que, diga-se a verdade, era confessado por todos, sem estorvo de malquerenças e murmurações.

Diz-se que — quem mais faz menos merece, e que mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga, e não sei que mais — ; será assim; mas desta vez parecia que se desmentira o ditado ou pelo menos que o facto das madrugadas não excluía o auxílio providencial porque José das Dornas prosperava a olhos vistos. Ali por fins de Agosto era um tal entrar de carros de milho pelas portas do quinteiro dentro! S. Miguel mais farto poucos se gabavam de ter. Que abundância por aquela casa! Ninguém era pobre com ele; lou-vado Deus!

Como homem de família, não havia também que pôr a boca em José das Dornas. Em perfeita e exemplar harmonia vivera vinte anos com sua mulher, e então, como depois que viuvara, manifestou sempre pelos filhos uma solicitude, não revelada por meiguices — que lhe não estavam no génio — mas que, nas ocasiões, se denunciava por sacrifícios de fazerem hesitar os mais extremosos.

Eram dois estes filhos — Pedro e Daniel. — Pedro, que era o mais velho, não podia negar a paternidade. Ver o pai era vê-lo a ele; — a mesma expressão de franqueza no rosto, a mesma robustez de compleição, a mesma excelência de musculatura, o mesmo tipo, apenas um pouco mais elegante, porque a idade não viera ainda exagerar a curvatura de certos contornos e ampliar-lhe as dimensões transversais, como já no pai acontecia. Conservava-se ainda correcto aquele vivo exemplar do Hércules escultural.

Pedro era, de facto, o tipo da beleza masculina, como a compreendiam os antigos. O gosto moderno tem-se modificado, ao que parece, exigindo nos seus tipos de adopção o que quer que seja franzino e delicado, que não foi por certo o característico dos mais perfeitos homens de outras eras.

A organização talhara Pedro para a vida de lavrador e parecia apontá-lo para suceder ao pai no amanhã das terras e na direcção dos trabalhos agrícolas.

Assim o entendera José das Dornas, que foi amestrando o seu primogénito e preparando-o para um dia abdicar nele a enxada, a fouce, a vara, a rabiça e confiar-lhe a chave do cabanal, tão repleto em ocasiões de colheita.

Daniel já tinha condições físicas e morais diferentes. Era o avesso do irmão e por isso incapaz de tomar o mesmo rumo de vida.

Possuía uma constituição quase de mulher. Era alvo e louro, de voz efeminada, mãos estreitas e saúde vacilante.

O sangue materno girava-lhe mais abundante nas veias, do que o sangue, cheio de força e vida, ao qual José das Dornas e Pedro deviam aquela invejável construção.

Votar Daniel à vida dos campos seria sacrificá-lo. Apertava-se o coração do pobre pai, ao lembrar-se que os sóis ardentes de Julho ou os tufões regelados de Dezembro haviam de encontrar sem abrigo aquela débil criança, que mais se dissera nascida e criada em berços almofadados e sob cortinados de cambraia, do que no leito de pinho e na grosseira enxerga aldeã.

E desde então, desde que pensou nisto, uma ideia fixa principiou a laborar no cérebro daquele pai extremoso e a monopolizar-lhe as poucas horas que o trabalho não absorvia.

De vez em quando o encontravam os amigos deveras preocupado, o que, sendo nele para estranhar, excitava curiosidades e receios e desafiava interrogações.

O reitor foi um dos que mais se importou com a preocupação do nosso homem.

Era este reitor um padre velho e dado, que há muito conseguira na paróquia transformar em amigos todos os fregueses. Tinha o Evangelho no coração — o que vale muito mais ainda do que tê-lo na cabeça.

A qualidade de egresso não lhe tolhia o ser liberal de convicção. Era-o como poucos.

— Ó homem de Deus — disse pois o reitor um dia, resolvido deveras a sondar as profundezas daquele mistério — que tens tu há tempos a esta parte? Que empresa é essa em que me andas a cismar há tantos dias?

— Que quer, Sr. Padre António? Um homem de família tem sempre em que cuidar; tem a sua vida e tem a dos filhos.

Foi a resposta que obteve.

— Ora essa! — insistiu o padre. — Bem alegre te via eu, e em tempos mais azados para tristezas, e bem alegres vejo muitos com bem outras razões para o contrário. Mas tu! Que mais queres? Tens bons haveres para deixares a teus filhos; mas, quando os não tiveses, sempre eram dois rapazes; e deixa lá, José; um homem é outra coisa que não é uma mulher; onde quer se arranja; toda a terra é sua; em toda a parte encontra que fazer e qualquer trabalho lhe está bem. Agora os pobres, que vejo por aí com um rancho de raparigas, coitadinhas, que ficam mesmo ao desamparo de todo, se a sorte lhes roubar o pai... esses sim, é que não sei como podem ter um momento de alegria; e contudo encontra-los nas festas, que é um louvar a Deus.

— É assim, Sr. Reitor, eu sei que os há por aí mais infelizes do que eu, mas...

— Mas então, quem tem saúde e a quem Deus não falta com o pão nosso quotidiano, só deve erguer as mãos ao céu, para lhe tecer louvores. Mareia tu a tua vida, que teus filhos não são nenhuns aleijados para precisarem de pedir esmola.

— Graças a Deus que não são, Sr. Reitor. O Pedro, sobretudo, não me dá cuidados. O Senhor fê-lo robusto e fero; é um homem para o trabalho; e quem pode trabalhar não precisa de outra herança. Pelo trabalho — e com a ajuda de Deus — fiz eu esta minha casa, que não é das piores, vamos; ele, com menos custo, a pode agora aumentar, se quiser. Mas o Daniel já não é assim. Aquilo é outra mãe — o Senhor a chame lá. Um dia de ceifa é bastante para mo matar. É a sorte dele que me dá cuidado.

— Então é só isso? Ora valha-te Deus! É verdade. O pequeno é fraquito e decerto não pode com o trabalho do campo, mas... para que queres tu o dinheiro, José? Acaso não terás alguns centos de mil réis ao canto da caixa para pôr o rapaz em estudos? Não podes fazer dele um lavrador? Fá-lo padre, letrado, ou médico, que não ficarás pobre com a despesa.

José das Dornas, ao ouvir assim formulado o conselho do reitor, sorriu com a visível satisfação que sempre experimentamos vendo que um dos nossos pensamentos favoritos merece a aprovação de alguém, antes de lho revelarmos.

— Nisso mesmo pensava eu. Já me lembrou mandá-lo estudar, mas tinha cá certos escrúpulos.

— Escrúpulos! Valha-te não sei que diga! Pois ainda és desses tempos? Que escrúpulos podes ter em mandar ensinar teus filhos? Fazes-me lembrar um tio meu, que nunca permitiu que as filhas aprendessem a ler; como se pela leitura se perdesse mais gente do que pela ignorância.

— Não é isso, Sr. Padre António, não é isso o que eu quero dizer; mas custa-me dar a meus filhos uma educação desigual. Vê vossa senhoria? São irmãos e, mais tarde, o que tomar melhor carreira e se elevar pelo estudo há-de desprezar o que seguir a vida do pai, a ponto de que os filhos de um e de outro quase nem se conhecerão: é o que mais vezes se vê. Não é uma injustiça que faço a Pedro a educação que der a Daniel?

— Homem de Deus, não há desigualdade verdadeira, senão a que separa o homem honrado do criminoso e mau. Essa sim, que é estabelecida por Deus, que, na hora solene, extremará os eleitos dos réprobos. Educa bem os teus filhos em qualquer carreira em que os encaminhes; educa-os segundo os princípios da virtude e da honra, e não os distanciarás, acredita: porque, cumprindo cada um com o seu dever, serão ambos dignos um do outro e prontos apertada-

rão as mãos, onde quer que se encontrem. E no sentido mundano, julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua? Ai, homem, como vives enganado! O quinhão de dores e de provações foi indistintamente repartido por todas as classes, sem privilégio de nenhuma. Há infortúnios e misérias que causam o tormento dos grandes e poderosos e que os pobres e humildes nem experimentam, nem imaginam sequer. Grande nau, grande tormenta: hás-de ter ouvido dizer. Sabes que mais, José? — concluiu o reitor — manda-me o rapaz lá por casa, que lhe irei ensinando o pouco que sei do latim e deixa-te de malucar.

Com estas e idênticas razões foi o bom do padre convencendo José das Dornas, que nada mais veementemente desejava do que ser convencido — e, decorridos oito dias, via-se já Daniel passar, com os livros debaixo do braço, a caminho da casa do reitor.



— **Ó** ti' Tomásia — dizia, ao vê-lo passar, uma velha que, sentada ao soalheiro, fiava, rezava padre-nossos e cabeceava com sono — o pequeno do José das Dornas anda agora nos estudos?

— Pois não sabe que o pai o quer pôr a padre? — respondeu a vizinha da porta de cima, ao passo que desenredava uma meada e fazia soltar à dobadoura os mais inarmónicos gemidos.

— Toma que te dou eu! A coisa vai de grande então!

— Bem se diz: mais anda quem tem bom vento, do que quem muito rema. Verá você, ti' Custódia, que o Pedro, que se mata com trabalho, há-de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar cabeça; e o pelém do irmão é que há-de pimpar de senhor e dar leis em casa.

— Uma coisa assim! Já agora havia mister de um senhor abade ou cónego na família! Ora este mundo sempre está!

— E então veja que padre aquele! A mim não me engana a pinta. É de boa raça. Não tem dúvida nenhuma.

— Sai ao lado da mãe, vizinha. Lembra-se do tio dele? — o Joaquim do Morgado. Que menino!

A inflexão com que este — que menino! — foi pronunciada, era altamente significativa. É de crer que o referido Joaquim do Morgado, cunhado de José das Dornas, deixasse indeléveis recordações entre as mulheres da sua época.

— Se me lembra! Aquilo era uma coisa por maior. Bastava dar-lhe um bocado de trela, que ele aí estava. Nanja eu, comigo nunca ele fez farinha.

E, dizendo isto, desviava a cara e abaixava-se para apanhar o novelo que deixara cair, enquanto a vizinha fazia um gesto e resmoneava um aparte ininteligível, que ambos pareciam contrariar a última asserção da velha e pôr em dúvida a sua apregoada isenção de outros tempos.

— Nem comigo, ti' Tomásia — disse, em tom já elevado, esta do aparte — nem comigo, que ele bem sabia com quem se metia.

Desta vez gesto e aparte pertenceram à outra interlocutora e tinham a mesma significação.

É certo porém que o Daniel ia andando com o seu latim e, dentro em pouco tempo, já papagueava os substantivos e os adjectivos com incrível e surpreendente velocidade.

José das Dornas divertia-se excessivamente a ouvi-lo. As declinações ditas pelo filho em voz alta «lá lhe caíam no goto», como ele dizia; e já procurava imitá-lo nas suas horas de bom humor, que, segundo já afirmámos, eram numerosas.

— Dize lá, rapaz, dize lá. Então como é? Como é? *Altrotoro, altrotoro, altrotoro. Ó tranca, ó tranca, ó trinque, ai diabos, diabos, diabos.* Ah! ah! ah! Ora dize lá, rapaz, dize lá.

E Daniel principiava a repetir as lições, acompanhado das gargalhadas de José das Dornas, que, sem o saber, ia demonstrando com o exemplo um grande preceito de instrução, tantas vezes recomendado: — o de vencer, pelo estímulo do agradável, o fastio que acompanha o estudo. De facto, a facilidade com que Daniel retinha já as enfadonhas lições da arte do padre Pereira era em parte devida à maneira por que lhas amenizavam estes gracejos do pai; quanto mais arrevesados eram os nomes, com mais vontade os decorava Daniel, para despertar com eles a estranheza e hilaridade paternas.

Que estrondosas gargalhadas se não deram na noite em que Daniel repetia em voz alta a declinação do relativo *Qui* e seus compostos.

— Ora essa! — dizia José das Dornas — que vem cá a ser isso? *Qui, qui, qui, qui...* Ai que o Sr. Reitor quer ensinar-me ao filho a língua dos cevados!

E toda a família desatava a rir, e Daniel mais que todos.

E assim procedia o menino Daniel nos seus estudos com grande aprazimento do reitor, que muita vez dizia ao pai, em tom confidencial:

— Sabes que mais, José? O rapaz é esperto e era até um pecado desviá-lo do estudo, para que tem tanta queda. Olha que me estudei as linguagens em oito dias!

José das Dornas não podia avaliar ao certo o género e grau de dificuldade que vencera o filho; mas entendeu, lá de si para si, que fora alguma coisa de heróico e nesse dia não pôde deixar de olhar para o rapaz como se ele tivesse no rosto o que quer que fosse estranho — a auréola dos predestinados para grandes coisas.

— E então, Sr. Reitor — perguntou ele um dia ao mestre — o pequeno vai bem?

— Optimamente. O Sulpício para ele é já como uma água de unto. Qualquer dia passo-o para o Eutrópio, e dentro em pouco para o Cornélio.

Estas sucessivas passagens do Sulpício para o Eutrópio e do Eutrópio para o Cornélio impressionaram profundamente José das Dornas.

Lá lhe pareceu aquilo uma façanha ginástica admirável.

— Faremos dele um padre, Sr. Reitor?

— Que dúvida! E um padre às direitas.

Ora aqui é que o bom do pároco se enganava, como, pouco tempo depois, ele próprio reconheceu.

Foi o caso que, aí por volta de um ano depois que o Daniel principiara os estudos — tinha ele então doze para treze anos — começou o reitor a observar que o rapaz lhe vinha um pouco mais tarde para a lição. Ao princípio, eram cinco, dez minutos, um quarto de hora de diferença. Depois cresceu a demora a vinte, vinte e cinco minutos, meia hora, e o padre pôs-se a parafusar.

— Já me não vai parecendo bem a história. Dar-se-á caso que o rapaz me ande por aí a garotar? Se eu o sei! E então que ia tão bem! Deixa-o vir, que eu sempre hei-de querer saber o que isto é. Nada, não vamos assim à minha vontade. Deixa-o vir.

Se bem o pensou, melhor o fez. Chegou o pequeno, todo ofegante e suado, como quem viera às carreiras, e o reitor, fitando-o com olhar severo e penetrante, disse-lhe, antes de lhe dar as bênçãos, que ele, de chapéu na mão, lhe pedia:

— Olha cá, Daniel; donde vens tu a estas horas?

O rapaz fez-se vermelho como um lacre, e não atinou com a resposta. Ficou-se a coçar na cabeça, a encolher-se, a engolir em seco, a rosar não sei o quê, e... mais nada.

— Anda, que eu desconfio que me vais saindo garoto e, se assim é, tens que ver comigo. *Grandessíssimo* brejeiro! Teu pai manda-te para o estudo ou para andares jogando a pedra com a outra canalha?

— Eu não andei jogando a pedra, não senhor! — exclamou Daniel, com tão eloquente vivacidade que, sem possível ilusão, atestava que ele não mentia.

— Então que fez vossemecê até estas horas?

Nova confusão do rapaz.

— Eu hei-de saber; hei-de mandá-lo vigiar, e depois direi a seu pai.

Nos quinze dias que se seguiram a esta cena, Daniel foi pontual às horas da escola. O reitor estava satisfeito com a emenda do rapaz e lisonjeado, lá muito para si, com o seu poder persuasivo e a conversão que operara com uma simples admoestação.

Ao fim das duas semanas encontrou-se por acaso com José das Dornas e já se não lembrava até de lhe fazer queixa do filho, que assim entrara obediente no bom caminho do dever. José das Dornas, porém, é que se mostrava preocupado. Quanto mais o padre lhe gabava a habilidade de Daniel, tanto mais o bom do homem parecia constrangido, limitando-se a soltar uns ininteligíveis monossílabos em sinal de aprovação.

— Que tens tu, José? A modo que te estou estranhando! — exclamou o reitor, já um pouco impaciente.

— É que, Sr. Padre António, eu... a falar verdade... queria dizer-lhe uma coisa.

— Pois dize, homem; dize para aí. Então deste agora em fazer cerimónias comigo?

— Eu sei o grande favor que o Sr. Reitor me faz, ensinando o pequeno...

— Bem, bem, adiante. Deixemo-nos agora disso. Se eu o ensino, é porque quero e gosto. O que estimo é que ele aproveite, como de facto aproveita; o mais são histórias.

— Pois muito agradecido. Mas dizia eu... custa-me a explicar...

— Com S. Pedro! Fala, homem, dize lá o que tens a dizer.

— É que o rapaz a modo que é fraquito, e então...

— E então, o quê?

— Tenho medo que, estudando de mais, me adoça por aí, e...

— Mas ele estuda de mais?

— Não, senhor, mas... sim... queria eu dizer que talvez fosse bom que o Sr. Reitor o demorasse menos na aula. Digo eu isto, mas se vir que...

— Sim, sim, mas então... vamos a saber, então ele demora-se muito?

— Não digo que seja muito. Tudo é necessário. Bem sei; mas... quero dizer... Para quem é fraco, como ele... Como sai às duas horas e vem só às trindades... e às vezes é noite fechada...

O reitor ficou como se lhe caíra o coração aos pés, ficou... — diga-se a frase, visto que a autorizou quem podia — ficou desapontado. Das duas horas às trindades, e à noite cerrada às vezes, quando ele lhe entrava em casa às três e lhe saía pouco depois das cinco! Tinha assim o padre de modificar duplamente o seu juízo — enquanto ao rapaz e enquanto a si — descrendo da conversão do primeiro e do seu próprio poder de catequese. Este sacrifício, em duplicado, custou-lhe e conservou-o por algum tempo mudo. Esteve para contar ao pai a história toda, mas calou-se. Tinha coração generoso afinal de contas, e compreendeu que a revelação iria afligir o velho.

— Tens razão, homem — limitou-se, pois, a dizer. — Tens razão. O rapaz há-de sair mais cedo. Eu olharei por isso. Mais alguns dias só, para chegar cá a um ponto que eu quero, e depois será como dizes.

E lá consigo dizia o bom do padre:

— Deixa estar, meu Danielzinho, que eu hei-de saber para onde tu me vais, depois que te mando embora. Deixa estar, deixa, que me não tornas a enganar, meu menino.

E foi para casa com firme resolução de elucidar este negócio.



No dia seguinte deu Daniel a lição do costume, e às cinco horas recebeu ordem de se retirar — ordem, cuja execução, como era natural, não se fez esperar muito.

Ele a voltar costas, e o reitor a pôr o chapéu na cabeça para lhe ir na pista.

A tarefa não era fácil; basta lembrarmo-nos da agilidade de Daniel, natural à sua idade, e compará-la com os já trôpegos movimentos do velho padre, que, com a pressa que levava, impelia todas as pedras soltas do caminho.

Foi seguindo direito pelas ruas que o conduziam a casa de José das Dornas, e perguntando a quantos conhecidos encontrava, sentados pelas portas ou debruçados nas janelas, se tinham visto passar o pequeno. Por muito tempo foram as respostas afirmativas, o que satisfazia o reitor, pois indicava-lhe que, até àquele ponto, o rapaz não se havia extraviado, deixando de seguir o caminho de casa.

Chegou porém a um largo, onde desembocavam diferentes ruas e azinhagas, e as coisas mudaram então de face.

O reitor, continuando a seguir o seu sistema de indagações, tomou a direcção que devia mais prontamente conduzir o pequeno Daniel aos lares paternos.

À porta de uma casa térrea que havia na esquina, dobava uma velha, a qual, ao ver aproximar-se o reitor, ergueu-se, com toda a cortesia, da cadeira em que estava sentada.

— Muito boas-tardes, tia Bernarda. Diga-me, viu passar por aqui o pequenito do José das Dornas?

— Nosso Senhor venha na companhia de V. S.<sup>a</sup>. Pois nada, não senhor, Sr. Reitor. O rapazinho passava dantes por aqui todas as tardes; mas haverá coisa de quinze dias, ou três semanas, que já o não tenho visto.

O reitor pôs-se a coçar na orelha. O delito principiava a fazer-se evidente.

— Esta agora! — murmurava ele deveras zangado, e depois acrescentou mais alto: — E eu que me esqueci de lhe dar um recado para o pai! Diacho!

— Se V. S.<sup>a</sup> quer, eu mando lá a minha neta.

— Nada, não; obrigado. A coisa também tem tempo. Fique-se com Deus, tia Bernarda, e agradecido.

— Nanja por isso, meu senhor. — E a velha fez nova reverência.

— Temos história — dizia o reitor franzindo o sobrolho e tomando por outro dos caminhos que comunicavam com o largo. — Perguntemos aqui — e parou junto de um alpendre rústico, debaixo do qual estava sentado um velho quase paralítico, que procurava nos raios do sol o calor que lhe escasseava nos membros, já regelados pela idade.

— Boas-tardes, tio Bonifácio — disse o reitor, elevando a voz e parando defronte dele.

— Sr. Padre António, um criado de V. Rev.<sup>ma</sup>.

— Sabe-me dizer, tio Bonifácio, se o pequeno do José das Dornas passou há pouco por aqui?

O velho, já meio surdo, fez repetir a pergunta em tom mais elevado, e, depois de um momento de silêncio, durante o qual pareceu interrogar a memória, já perra e enfraquecida:

— Sim, senhor, vi — respondeu, acenando afirmativamente com a cabeça. — Vi, sim, senhor. Passou aqui com os bois, há meia hora.

— Com os bois!... Ai, esse é o Pedro. Falo no pequeno, no Daniel.

— Ah!... nada... esse... ah! sim, sim... um que anda nos estudos?

— Esse mesmo.

— Sim, pelos modos que... agora neste instante passou ele a correr, para o lado dos açudes.

— Obrigado, tio Bonifácio.

— O mafarrico do rapaz que terá que fazer para o lado dos açudes? — dizia o padre consigo, tomando a direcção indicada. Efectivamente, pelo novo caminho que seguia, iam-lhe dando informações de Daniel, acrescentando de mais a mais que, havia coisa de duas semanas, era ele certo por ali todas as tardes.

O reitor dava-se a perros, para atinar com o motivo de semelhante rodeio.

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Para que virá o rapaz dar esta esquisita volta!

De certo ponto por diante falharam-lhe as informações, porque o sítio tornava-se quase despovoado.

A tarde ainda estava longe do seu fim; mas umas nevoazitas começavam a levantar-se dos campos e lameiros e o reitor, que tinha o seu reumático a atender, já ia perdendo grande parte daquele fogo com que encetara a pesquisa.

No meio de um estreito e alagado caminho, que seguia tortuosamente por entre dois campos de centeio, parou e entrou a reflectir:

— O rapaz sumiu-se. Para o ir procurando assim à toa e a estas horas do dia, não estou eu. Vão lá atrás do homem da capa preta. Quem sabe onde o diabrete foi dar agora consigo? O pai que o procure, que tem obrigação disso. O melhor é retirar em boa ordem, antes que venha o frio da noite.

Já se preparava para seguir o prudente conselho, que a si próprio acabava de dar, quando lhe despertou a atenção um assoviar agudo e vibrante, cujo timbre lhe era tão conhecido como a toada da cantiga que executava.

— Olá! — disse o reitor, parando, equilibrado sobre duas alpondras no meio do lamaçal do caminho. — Moiros na costa, ou eu me engano muito!

Pôs-se a escutar de novo e cada vez mais parecia confirmar suas suspeitas, acabando de se convencer de todo quando, ao assoviar, sucedeu uma voz infantil que ele logo reconheceu por a do discípulo, cantando, ainda na mesma toada, que era de uma música popular, as seguintes coplas:

Morena, morena,  
Dos olhos castanhos,  
Quem te deu, morena,  
Encantos tamanhos?

Encantos tamanhos  
Não vi nunca assim.  
Morena, morena,  
Tem pena de mim.

Morena, morena,  
Dos olhos rasgados,  
Teus olhos morena,  
São os meus pecados.

São os meus pecados  
Uns olhos assim.  
Morena, morena,  
Tem pena de mim.

Morena, morena,  
Dos olhos galantes.  
Teus olhos, morena,  
São dois diamantes.

São dois diamantes  
Olhando-me assim.  
Morena, morena,  
Tem pena de mim.

Morena, morena,  
Dos olhos morenos,  
O olhar desses olhos  
Concede-me ao menos.

Concede-me ao menos,  
Não sejas assim.  
Morena, morena,  
Tem pena de mim.

— Temos o homem — disse o reitor, depois de ouvir a cantiga, e enfiou resolutamente pela rua adiante. Mas, tendo dado alguns passos mais, parou como se mudasse de tenção.

— Nada, não convém que me veja. É preciso espiá-lo sem que ele dê por isso.

Feita esta reflexão, passou um rápido exame ao terreno e retrocedeu. Dobrou novamente a esquina da viela em que se introduzira; costeou o campo do lado direito, até se lhe deparar uma cancela rústica, que não lhe opôs a mínima resistência, e, oculto pelo centeio, caminhou, o mais prudentemente que pôde, até ao lugar correspondente àquele donde partia a voz e daí por diante até descobrir a caça que procurava. Não levou muito tempo a realizar o seu intento.

Eis a cena que viu o reitor, acorrido entre o centeio, com a bengala fixa no chão, mãos apoiadas na bengala, e queixo apoiado nas mãos.

## IV

**D**efronte do campo, donde, com as melhores intenções deste mundo, o reitor estava espionando, e separado apenas dele pela estreita e húmida rua, de que já falámos, estendia-se um tracto de terreno inculto, muito coberto de tojo e de giestas e dessa espontânea vegetação alpestre, que, no nosso clima, enflora ainda os montes mais áridos e bravios.

Dispersas por toda a extensão deste pasto, erravam as ovelhas e cabras de um numeroso rebanho, de que eram únicos guardadores um enorme e respeitável cão pastor e uma rapariguita de, quando muito, doze anos de idade.

Até aqui nada de notável para o reverendo pároco.

Mas o que o maravilhou foi o grupo que formavam, naquele momento, a pequena zagala, o cão e o nosso conhecido Daniel, por via de quem o bom do padre empreendera tão trabalhosa excursão.

A pequena, sentada junto de uma pedra informe e musgosa, folheava com atenção um livro, dirigindo, de tempos a tempos, meios sorrisos para Daniel, que, deitado aos pés dela, de braços, com os cotovelos fincados no chão, o queixo pousado nas mãos, parecia, ao contemplar embevecido os olhos da engraçada criança, estar divisando neles todos os dotes mencionados na canção da *morena*, que lhe ouvimos cantar.

Jaziam ao lado dos dois uma roca espiada e os livros de Daniel.

Completava o grupo o cão, enroscado junto do pequeno estudante com desassomburada familiaridade e denunciando assim que

o conhecimento entre eles, e por conseguinte de Daniel com a pastora, não era já de muito recente data.

Este grupo, apesar de toda a sua beleza artística, realçada pelas meias-tintas do crepúsculo e por o fundo alaranjado do céu, sobre que se desenhavam os rendados das árvores ao longe, não agradou de maneira alguma ao reitor, que, com um franzir de sobrolho, mostrou claramente a contrariedade que ele lhe fazia experimentar.

Esteve para surgir de entre o centeio e mostrar-se, aos enlevados personagens deste idílio infantil, severo e terrível, como o vulto gigante do Adamastor, nas estâncias do grande épico.

Pôde, porém, conter-se e constrangeu-se a observar a cena, com mal reprimido desagrado.

A pequena, que estivera por muito tempo inclinada sobre o livro, como a lutar com alguma dificuldade de leitura, que procurava vencer por si, acabou por fazer um gesto de impaciência, e, apontando com o dedo a palavra da dúvida, colocou a página diante dos olhos de Daniel, perguntando-lhe:

— Isto que quer dizer?

Daniel olhou por algum tempo para o livro, e afinal respondeu:

— *Cataclismo*.

— E que vem a ser cataclismo?

Daniel ficou embaraçado. A falar verdade, ele não sabia bem o que era cataclismo. Não teve coragem para o dizer francamente e titubeou:

— Cataclismo... sim... cataclismo é... Eu sei o que é... agora para to dizer é que... Cataclismo!...

O reitor, apesar da posição crítica em que estava, não deixou de se zangar lá consigo, ao ver um discípulo seu não poder desenredar-se de tais dificuldades filológicas.

Margarida, que era este o nome da pequena, adivinhou a causa da hesitação de Daniel e delicadamente lhe pôs fim, olhando outra vez para o livro e continuando a estudar em silêncio.

Daí a pouco voltou, porém, a consultar o seu pequeno mestre.

— E isto? Como se lê?

— *Metempsicose* — foi a resposta de Daniel.

— E o que vem a ser?

Desta vez o embaraço de Daniel era maior. Nunca ele soubera o que fosse metempsicose, e, como pela segunda vez se via pilhado

em falso, perdeu a paciência. Saiu dos apertos, como alguns professores em casos análogos.

— Ora! isso é uma coisa que leva muito tempo a explicar.

Margarida resignou-se a não entender.

Uma terceira interrogação. Desta vez foi a palavra *pragmática* que a originou.

Daniel estava em maré de infelicidades. Esta acabou de o impacientar. Tirando o livro comprometedor das mãos da discípula, disse com certo despeito mal encoberto:

— Deixa-te de estudar, Margarida; não estou agora para isso.

— Mas depois... amanhã...

— Amanhã? Que tem? Sossega que não te castigo. E demais inda tens muito tempo. Não vês que eu só venho de tarde?

— Mas...

— Mas... agora não quero que estudes, quero que cantes.

— Ora cantar! Que hei-de eu cantar?

— A cantiga da *morena*.

— Eu não gosto dela.

— Não?

— Eu, não.

— Então qual gostas mais, Guida? — perguntou Daniel, dando, à pergunta e sobretudo àquela familiar alteração do nome de Margarida, uma música de afectuoso galanteio, que não deixaria ficar mal ninguém.

— A da *Cabreira* é muito mais bonita.

— Já me não lembra bem. Pois então a da *Cabreira*.

— Agora não.

— Agora sim; e porque a não hás-de cantar agora?

— A minha irmã Clara é que a sabe cantar bem; eu não.

— Ora adeus, ela é ainda uma criança — disse Daniel com um soberbo gesto de homem. — Eu quero-a ouvir a ti.

— Eu julgo que nem a sei.

— Sabes, sabes, vamos a ver.

— Olhe... eu canto, mas...

E Margarida pôs-se então a cantar e com voz tão sonora e agradavelmente infantil, que, se o reitor estivesse despreocupado, numa posição mais cómoda e disposto a julgar com imparcialidade, confessaria que era excelente. Mas, na ausência destas condições de juízo desapassionado, foi um crítico como quase todos.

Aí vai o que ela cantava, em uma dessas singelas e monótonas melopeias de quase todas as nossas xácaras populares:

Andava a pobre cabreira  
O seu rebanho a guardar,  
Desde que rompia o dia  
Até a noite fechar.

De pequenina nos montes  
Não tivera outro brincar,  
Nas canseiras do trabalho  
Seus dias vira passar.

— Assim como tu — disse Daniel.

Margarida sorriu, fazendo com a cabeça um movimento afirmativo, e continuou:

Sentada no alto da serra,  
Pôs-se a cabreira a chorar.  
Porque chorava a cabreira,  
Ides agora escutar:

«Ai! que triste a sina minha,  
«Ai! que triste o meu penar,  
«Que não sei de pai nem mãe,  
«Nem irmãos a quem amar.

«De pequenina nos montes  
«Nunca tive outro brincar.  
«Nas canseiras do trabalho  
«Meus dias vejo passar.»

Mas ao desviar os olhos,  
Viu coisa que a fez pasmar.  
Uma cabra toda branca  
Se lhe fora aos pés deitar.

— Assim, pouco mais ou menos — disse Daniel, pousando a cabeça nos braços encruzados sobre as urzes do chão.

Margarida prosseguiu:

Branca toda, como a neve,  
Que nem se deixa fitar,  
Coberta de finas sedas,  
Que era coisa singular!

E, maliciosamente, com um sorriso de travessura infantil, passou os dedos por entre os cabelos de Daniel.

Nunca a tinha visto antes  
No seu rebanho a pastar,  
E foi a fazer-lhe festa...  
E foi para a afagar...

E continuava a correr as mãos pela cabeça do seu jovem companheiro, que sorria.

Eis vai a cabra fugindo  
Pelos vales sem parar;  
Ia a cabreira atrás dela,  
Mas não a pôde alcançar.

E andaram assim três dias  
E três noites, sempre a andar!  
Até que às portas duns paços  
Afinal foram parar.

Chorava o rei e a rainha  
Há dez anos, sem cessar,  
Que lhe roubaram a filha  
Numa noite de luar.

E dez anos são passados  
Sem mais dela ouvir falar.  
Eis chega a cabreira à porta,  
À porta se foi sentar.

«Ai que bonita cabreira...

E Margarida, ao cantar este verso, não pôde conservar-se séria, vendo Daniel levantar os olhos para ela.

«Que lá em baixo vejo estar!  
«E uma cabra toda branca,  
«Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros,  
«Ide a cabreira a buscar.»  
Isto dizia a rainha,  
Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira  
E a cabra de a acompanhar  
Até às salas dos paços  
Onde o rei as viu chegar.

«Pela minha c'roa de ouro  
«Eu quero agora apostar  
«Que é esta a filha roubada  
«Numa noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!  
Quem tal pudera contar!  
A cabrinha toda branca  
Ali se pôs a falar.

A seguinte quadra foi cantada por Daniel, e sem ofensa de harmonia:

«Esta é a filha roubada  
«Numa noite de luar,  
«Andou sete anos no monte  
«Quem nasceu para reinar!»

O resultado da intervenção de Daniel foi acabarem os dois a rir, com grande risco de deixarem incompleta a cantiga.

A rogos do seu companheiro, Margarida, passados alguns momentos, concluiu:

Que alegrias vão nos paços,  
E que festas sem cessar!  
A filha há tanto perdida,  
No trono os pais vão sentar.

E vêm damas p'ra vesti-la.  
E vêm damas p'ra calçar.  
E as mais prendadas de todas  
Para as tranças lh' enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...  
Ninguém a pôde encontrar:  
Mas...

Foi olhando para Daniel que a pequena Guida terminou:

Mas um anjo de asas brancas  
Viram aos céus a voar.

E assim terminou a última quadra da xácara e, por algum tempo, as duas crianças se conservaram caladas, como se quisessem seguir ainda, até às derradeiras vibrações, as notas melodiosas daquela voz, ao desvanecerem-se no espaço.

Daniel foi o primeiro a romper o silêncio.

— Então vês como a soubeste até ao fim? E cantaste-a tão bem!

— Ora!

— Mas é noite, Guida. Repara. Olha que são horas de tu ires juntando o gado.

E acrescentou, suspirando melancolicamente:

— Daqui a pouco estou eu de volta com o meu latim! E que lição tamanha me marcou o padre para amanhã!

— Então de que tamanho é?

— Olha; vai vendo — disse Daniel, abrindo a Selecta e mostrando a Margarida as folhas que o reitor lhe marcara para estudar. — É esta lauda... e esta... e esta, até aqui.

— E então isso que diz?

Conta a vida lá de uns generais antigos, que fizeram guerras e mortes e que quase sempre se matavam a si, quando os não matavam a eles.

— E para que é preciso que saiba essas histórias quem quer ser padre?

— Eu sei lá. Mas que estás tu a dizer? Padre! padre! Não me fales em ser padre, Guida. Eles cuidam que eu quero mesmo ser padre. Estou querendo.

— Então?

— Ora, quando chegar a ocasião eu lhas cantarei. Ainda está por nascer o barbeiro que me há-de abrir a coroa. O tio João das Bichas disse-me no outro dia — a rir, já se sabe — que já tinha em casa uma navalha afiada para isso; eu fui-lhe dizendo que bem deixava então navalha para o barbearem em morto.

— Mas o seu pai mata-o!...

— Meu pai? Deixa-te disso. Meu pai não há-de querer fazer-me padre à força.

— Mas o Sr. Reitor?

— O Sr. Reitor não é cá chamado. Que se meta com a sua vida. Ora é muito boa!

— E porque não quer ser padre, Danielzinho?

— Olhem que pergunta! Não quero ser padre, porque não quero, porque gosto de ti e porque, afinal de contas, hei-de vir a casar contigo.

— Ora!

— Hei-de sim. Verás.

E, dizendo isto, passou familiarmente o braço pelo pescoço da pequena Guida, e pousou-lhe na fronte um beijo, que ainda nem sequer a fazia corar.

O reitor estava escandalizado e estupefacto por quanto vira e ouvira.

Tivesse assistido, em pessoa, ao aparecimento do Anticristo, que não se maravilhara tanto.

Esta cena inofensiva, esta écloga entre duas crianças, parecia-lhe mais abominável, do que a outro qualquer as mais impudicas aventuras daquele herói, que Byron imortalizou com o nome de D. Juan, nome, já antes dele, de pouco austera memória.

Ao chegar a seus atónitos ouvidos a vibração sonora do beijo, que terminou o diálogo, o padre estremeceu como se acabasse de escutar um silvo de serpente cascavel, e não pôde reprimir uma interjeição desaprovadora, bastante audível, para ser percebida por todos os personagens da cena que descrevemos.

— Não ouviste, Guida? Que foi aquilo? — disse Daniel, já meio erguido, e olhando com certa inquietação em redor de si.

— Não é nada — respondeu esta, com pouco mais frieza de ânimo.

Mas, neste tempo, já o cão se havia levantado e ladrava furiosamente na direcção do lugar onde o reitor estava escondido.

— Aqui, Gigante, aqui! — bradava-lhe em vão Margarida.

— O que está acolá no centeio, para o cão ladrar assim? — perguntou Daniel, já sem pinta de sangue.

E o cão ladrava cada vez mais, e parecia pronto para arremeter contra um inimigo oculto.

O reitor, como é de prever, começava a achar-se muito pouco à vontade.

— Aqui, Gigante — continuava a pequena, já cansada de bradar. Mas Daniel, assustado, valeu-se do cão, como instrumento de exploração e defesa, e soltou uma palavra imprudente:

— Busca, Gigante, pega!

Não foi preciso mais nada.

O Gigante galgou de um salto o estreito caminho, que o separava do campo, onde o reitor cada vez suava mais com a iminência do perigo, e rompendo por entre o centeio, veio pousar triunfantemente as patas dianteiras sobre os ombros do pobre velho, que julgou ver a morte na figura deste monstruoso cão.

Como esses bonecos que fazem as delícias dos pequenos feirantes do S. Miguel e do S. Lázaro, no Porto, e, que, ao abrir-se a caixa, que os contém, são repentinamente expelidos por uma mola interior, o pároco, ao toque mágico do agigantado quadrúpede, ergueu-se de súbito sobre os calcanhares, e meio sufocado pelo susto, e com as faces enfiadas, bradou para Daniel:

— Chama este cão, rapaz endemoninhado! Ele mata-me!

Daniel é que lhe não podia valer, tão embasbacado ficou com a inesperada aparição do mestre. A mulher de Loth por certo não se conservou tão imóvel, depois do fatal momento em que cedeu à sua irresistível curiosidade.

A pequena Margarida é que salvou a situação — como me parece que se costuma dizer em política. — Armou-se da maior severidade que lhe era possível, e com inflexão de voz imperiosa, pronunciou um — «aqui, Gigante!» — que foi prontamente obedecido.

O reitor estava salvo, mas ainda não senhor seu, e deveras chufado com as circunstâncias ridículas que acompanharam a sua descoberta. Ora, como sempre acontece, estas circunstâncias inabilitavam-no para assumir o carácter severo, grave e pedagógico, necessário a quem se propõe a dar uma repreensão, a fazer uma prática de moral.

Com muito bom senso renunciou, pois, o reitor a este projecto, e, sem dar palavra, virou costas e abandonou o lugar desta aventura, interiormente quase tão pouco satisfeito consigo como com o seu discípulo.

Daniel, passados alguns momentos mais de silencioso pasmo, desatou a rir, a rir, a rir, desse expansivo e contagioso rir de criança, que não tem outro igual. Esqueceu o que para ele havia de estranho e sério em tudo aquilo, e as consequências que poderia ter, para só se lembrar da carantonha que fazia o reitor, a gritar que lhe acudissem, do susto que apanhara, do aspecto sorumbático que levava ao partir, e por isso tudo ria a bandeiras despregadas.

Vejam lá se o padre não fez bem em adiar o sermão para ocasião mais oportuna.

Porém, Margarida? Essa é que não se ria. Certo instinto de delicadeza, inato em quase todas as mulheres, não sei que vaga presciência de infortúnio, que algumas, de criança, possuem, parecia-lhe estar dizendo que tudo aquilo, sem saber porquê, lhe poderia vir a ser funesto.

E enquanto que Daniel ria, ela, coitada, não se pôde conter, e começou a chorar.

— Que tens tu, Guida? Isso o que é? — perguntou-lhe Daniel, já sério e meio sensibilizado. — Porque choras assim?

— Deixe-me. Não sei bem... mas sinto uma tristeza... e tamanha... tamanha!... Vamos. É tarde, vou juntar o gado.

— E eu ajudo-te.

— Não. Vá para casa e corra bem, antes que o Sr. Reitor chegue lá primeiro.

— Pois ele irá?

— Ande... corra.

Foi então que Daniel reconheceu que Margarida podia ter alguma razão em não levar o caso a rir, e que não devia ser para ele uma coisa de todo insignificante a aparição do padre ali. Por isso disse adeus à sua companheira, e deitou a correr para casa.

## V

No dia seguinte, que era um domingo, vestia-se o reitor na sacristia, para celebrar a missa conventual. Entre as diversas pessoas que assistiam a este acto, avistou ele o nosso conhecido José das Dornas, e a lembrança do ocorrido na véspera surgiu-lhe outra vez ao espírito, acompanhada de todas as circunstâncias desagradáveis que se deram então. Durante a noite, havia o padre, a sós com o travesseiro, tomado uma resolução. Foi pensando nela que, no momento em que José das Dornas se aproximou mais do lugar, em que ele se aparentava, lhe disse:

— Logo, depois da missa, espera-me lá fora, no adro, que temos que conversar.

José das Dornas fez um sinal de assentimento, e entrou para a capela.

Nada ocorreu durante a missa, que exija especial referência. Foi dita pelo reitor com todas as formalidades do ritual, e escutada pelo auditório, e principalmente por José das Dornas, com respeitosa atenção.

Acabada ela, formaram-se diferentes grupos pelo adro, do qual frondosa alameda fazia, naquela época do ano, um dos lugares mais apetecíveis da terra; José das Dornas trocou meia dúzia de palavras com alguns conhecidos seus. Falou no tempo, no aspecto das searas, nas mudanças de lua, e, pouco a pouco, foi ficando cada vez mais desacompanhado, porque os aldeãos iam dispersando, atraídos pela lembrança do jantar, que os esperava.

Finalmente achou-se de todo só e pôs-se, de mãos nos bolsos, a passear no adro. No entanto ia fazendo suas conjecturas sobre os motivos que levariam o reitor a mandá-lo esperar, e sobre a natureza da conversação que ia ter com ele.

Estas conjecturas porém não lhe ofereciam solução que o satisfizesse e, muito razoavelmente, acabou o homem por se decidir a esperá-la do entretenimento que não podia tardar.

De facto não tardou. O reitor saiu afinal da sacristia, e dirigiu-se imediatamente para José das Dornas, que se descobriu ao avistá-lo.

— Está à vontade, José, está à vontade. Ora... nós temos que falar a respeito do teu pequeno.

— Então é preciso comprar-lhe mais alguns livros? O que V. S.<sup>a</sup> vir que...

— Nada, nada. A coisa agora é muito diferente.

— Então?

— É que... Ora escuta, José. Lembras-te de que eu te disse, aqui há tempos, que o rapaz havia de ser padre?

— Se lembra? Muito bem. E eu disse...

— Bem, bem. Pois... se queres que te fale a verdade... parece que o melhor... é dar-lhe outra arrumação.

José das Dornas parou e pôs-se a olhar boquiaberto para o reitor.

— Então... o pequeno não tem memória para os estudos?

— Tem, tem, e até de mais. Mas... ouve cá: esta vida de sacerdote quer vocações decididas. Não as havendo, é um grande erro abraçá-la, e um grande pecado constranger ninguém a segui-la contra vontade.

— Credo! Pois quem diz menos disso? Mas então, acha o Sr. Reitor que o rapaz não terá queda?...

— Hum, hum... — murmurou o reitor. — Parece-me que não tem grande queda, não.

— Valha-me Deus, mas... porque julga V. S.<sup>a</sup> isso? E queira perdoar se sou confiado em perguntar.

— Cá por certas coisas.

— E eu que até me parecia que o pequeno fora mesmo talhado para a vida!

— Também eu o julgava.

— O seu gosto era ajudar à missa.

— Olha lá se o vês agora?

— Até pelos seus brinquedos. Olhe que não havia para ele como armar igrejinhas e pregar sermões.

— Isso agora... enquanto a gostos e brinquedos... parece-me que houve sua mudança ultimamente.

— Então?

O reitor hesitava em revelar a verdade inteira a José das Dornas; por isso, a esta pergunta, começou ainda a titubear, e respondeu evasivamente:

— Sim... creio que já se não entretém muito com igrejinhas...

— Ah! pois sim... mas... é que agora tem já outras canseiras... Os estudos...

— Ah!... os estudos... É o que me lembra.

— Olhe, Sr. Reitor — continuava José das Dornas, um tanto incrédulo a respeito da mudança de inclinação do filho — eu, finalmente... sim... como o outro que diz... não sei lá as razões que tem V. S.<sup>a</sup> para pensar dessa forma... mas a mim, está-me a parecer que V. S.<sup>a</sup> se engana.

O reitor tinha atingido os limites da sua grande paciência. Esta dúvida de José das Dornas, ainda que formulada a medo, acabou de resolvê-lo a ser mais explícito.

— E se eu te disser, José das Dornas — exclamou ele, parando e voltando-se para o seu interlocutor — se eu te disser que o teu filho Daniel, apesar dos seus doze, ou treze anos, que será a idade dele, tem já na aldeia a sua conversada?

José das Dornas parou como fulminado.

O reitor continuou o seu caminho.

— Que diz, Sr. Reitor?! — exclamou afinal José das Dornas, atrasado já uns cinco ou seis passos, e na mesma posição em que o deixara a revelação.

— O que sei!... — respondeu o reitor, com eloquente laconismo.

— Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Está o mundo roto! Pois o rapaz... Ó Sr. Reitor, palavra, que, se fosse outra pessoa que mo dissesse, eu não acreditava.

— E se eu te afirmar que vi, com os meus olhos, o teu Daniel, sentado no monte ao pé da rapariga, cantando juntos, lendo juntos, e afirmando-lhe o rapaz que nunca há-de ser padre, pois queria casar com ela?

— Ora, ora, Sr. Reitor, essa é de mais. Há-de perdoar, mas essa...

— E se eu te disser que lhe deu um beijo? — acrescentou o padre, em tom confidencial.

— Um beijo!

— E se eu te disser que ele, todos os dias, me sai da aula às cinco horas, e passa o resto da santa tarde junto da pequena?

— Ora o rapazinho!

— Então já vês que não convém fazê-lo padre. Para dar maus exemplos, temos cá infelizmente bastantes. E quando o pano é assim em amostra, que fará a peça inteira!

— Mas que lhe havemos de fazer agora?

— Se te guiares pelos meus conselhos, aí tens um plano: deixa-te de ordenar o rapaz. Pega nele e remete-mo quanto antes para um colégio, onde lhe não deixem pôr o pé em ramo verde. Fá-lo depois médico... advogado... o que quiseres e que a ele não repugne...

— Então quer dizer que o mande para Coimbra?

— Para Coimbra?... Eu sei?... Homem, a falar a verdade, semente desta em Coimbra é para dar uns frutos por aí além. Para o Porto, onde ele possa estar sob as vistas dos parentes que lá tens, vai muito melhor. Põe-mo a cirurgião. Eles, hoje, dizem que saem de lá como de Coimbra, e olha que é uma boa carreira. O nosso João Semana está velho, e, morrendo ele, não temos por aqui mais ninguém. Mas é preciso tratar já disso. Impõe-me o rapaz daqui para fora, se queres fazer dele alguma coisa de jeito.

— Mas, ó Sr. Reitor, e quem era a cachopa?

— Isso agora já não é da tua conta. Faze o que eu te digo, e deixa o resto.

E, nestes termos, se separaram os dois, tomando cada um a direcção da casa.

José das Dornas ainda esteve por algum tempo impressionado com o que lhe acabara de dizer o reitor.

Há notícias de uma digestão demorada e laboriosa, como a de certos alimentos.

Enquanto ela dura, o espírito não se acha à vontade e como que se agita sob a influência de uma incómoda sensação; mas, pouco a pouco, opera-se um íntimo trabalho assimilador, acalma-se a espécie de febre digestiva, que acompanhara aquela elaboração mental, e tudo entra na ordem. A notícia, que nos impressionara, perde enfim quanto se nos havia figurado ter de estranho; sentimo-nos mais livres, e em mais felizes disposições para encararmos os factos.

Assim aconteceu com José das Dornas: o que, ao princípio, lhe avultara como calamidade, acabou por se transformar em uma coisa naturalíssima e engraçada até; o que lhe parecera desmoronamento de um belo edifício em construção, convencendo-o em pouco tempo que não passava de uma reforma preparatória para futuro melhor, e de carrancudo e pesaroso que ficara ao princípio, acabou por se tornar prazenteiro e quase risonho.

— O rapaz sai-me da pele do diabo! Com que, já tinha também a sua conversada! Havia mister! Ah! ah! ah! E o reitor atrapalhado! Ah! ah! ah! Agora é que eu lhe acho graça! E como ele soube dizer que não havia de ser padre, porque queria casar! Ora o rapazinho! Esperto é ele! olá! Mas como diabo o ouviu o reitor? A falar a verdade... o pequeno tem razão. Eu, que tão bem me dei com aquela santa, que está no céu, como havia de obrigar um filho meu a não gozar de uma felicidade como a minha? Deixar o rapaz... Quer casar?! Faz ele muito bem. Deus lhe depare uma boa cachopa, que seja mulher de casa... Mas quem seria a tal? Isso é que o padre não diz. Pois hei-de sabê-lo. Sempre mandarei o pequeno para o Porto... E que dúvidas? Nas terras grandes é que se fazem os homens... Há-de ser cirurgião, se quiser. O reitor lá nisso diz bem. O João Semana está acabado... Padres não faltam... e, com a esperteza do Daniel, era uma pena não fazer dele outra coisa... Ai o rapazinho que é os meus pecados! Ah! ah! ah! Sume-te! Já tem o sangue na guelra. Madruga!

E, com este monólogo e as mais fagueiras disposições de ânimo, chegou José das Dornas a casa, e jantou com apetite. À mesa lançava, às furtadelas, maliciosos olhares para o filho mais novo, o qual, sentindo-se sob iminente pronúncia, não levantava os seus. O pai a custo podia sustentar o riso, ao observá-lo.